



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de premiação da 5ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep)

Rio de Janeiro-RJ, 06 de abril de 2010

...por intermédio de quem cumprimento os demais professores presentes,

Minha querida companheira Suely Druck, diretora acadêmica da Obmep,

E meu querido companheiro Ricardo Oliveira da Silva, tetracampeão da Olimpíada da Matemática, por meio de quem eu cumprimento todos os alunos premiados,

Amigas e amigos,

Primeiro, eu queria que todos vocês ficassem de pé para que a gente pudesse prestar uma homenagem às vítimas das enchentes no Rio de Janeiro. Eu fui informado agora que já passa de 80 o número de mortos e os feridos já são mais de 90. E um minuto de silêncio por nossos irmãos que foram vítimas. Muito obrigado, gente.

E pedir, que é a única coisa que nos permite fazer nesse momento, pedir para Deus mandar um pouquinho de chuva para o nosso sertão, para o Nordeste brasileiro, e dar um pouquinho de sol para o povo do Rio de Janeiro, para a vida melhorar para nós e para o povo do Rio de Janeiro.

Eu vou ler aqui, porque eu estou com medo de ficar emocionado. Essa vai ser, ô Suely, minha última Olimpíada como presidente da República. No ano que vem, quando vocês estiverem aqui, uns recebendo... sabe? Um sendo penta, o outro sendo tri, o outro tetra, o outro ganhando a primeira medalha, eu já não estarei mais na Presidência da República, não sei se o Fernando Haddad estará na Educação, não sei se o Sérgio Rezende estará na Ciência e



Tecnologia. A única coisa que eu sei é que todos vocês poderão voltar aqui, independentemente de quem seja que esteja governando o nosso país, e nós sempre estaremos torcendo para que quem venha seja melhor do que quem sai, porque assim é melhor para o povo brasileiro.

Então, a solenidade é da Matemática, mas quero começar fazendo uma referência à língua portuguesa – na verdade, a uma das palavras mais temerosas da língua portuguesa: a palavra “impossível”. Um termo que muitos vencedores e vencedoras desta Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas com certeza já riscaram de seus dicionários. “O impossível não existe”. O autor dessa frase é um jovem que teria muitos motivos para entregar os pontos e se render à impossibilidade. Mas o nosso querido Ricardo Oliveira da Silva fez exatamente o contrário. E por isso, é um dos símbolos desta Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas.

Mesmo quem não acompanha a Olimpíada deve conhecer – ou pelo menos já ouviu falar – esse guerreiro montado numa cadeira de rodas. Ricardo sofre de atrofia do tecido muscular, é filho de lavradores pobres e até poucos anos morava em um sítio isolado de tudo, lá no interior do Ceará. E para chegar ao local da prova da Olimpíada era preciso ir em um carrinho de mão, empurrado pelo pai, porque a estrada de chão é acidentada demais para uma cadeira de rodas. Mas o Ricardo é também tetramedalhista de ouro da Olimpíada de Matemática. E a vida dele mudou para sempre desde que o Brasil o conheceu, durante a cerimônia de premiação da Obmep de 2008. Depois de ganhar aquela segunda medalha de ouro, Ricardo ganhou também a oportunidade de mudar-se com a família para Várzea Alegre, sede do município. Foi contratado pelo governo do Ceará para fazer palestras nas escolas da região. Sai pelos municípios vizinhos contando sua história para outros jovens que, felizmente, não precisam enfrentar tantos obstáculos para vencer na vida. Ricardo resume assim seu trabalho de palestrante: “Eu tento incentivar os alunos, mostrando meu exemplo. Digo para eles encararem os



estudos não como obrigação, mas como um prazer e uma oportunidade de crescimento. E digo sempre que o impossível não existe”.

Mas a boa notícia que eu quero contar para todos vocês é que o nosso querido Ricardo soube usar muito bem o dinheiro que ganhou por conta das palestras e da bolsa do Programa de Iniciação Científica. A boa notícia é que Ricardo realizou o sonho que parecia impossível e acaba de comprar uma casa para sua família, lá em Várzea Alegre. É uma casa boa, de dois quartos, vermelha por fora e amarela por dentro. E na parede da sala tem quatro medalhas penduradas. E o Ricardo, que não pode andar com as próprias pernas, já caminhou muito e quer avançar ainda mais. Recebeu vários convites para estudar em colégios particulares de Fortaleza – um deles, inclusive, preparatório para o Instituto Tecnológico de Aeronáutica, o ITA. E mesmo não tendo concluído o ensino médio, recebeu também o convite de faculdades privadas. E eu sei que o Ricardo não vai parar. Não vai desistir enquanto não chegar à universidade e seguir carreira na área de Ciências Exatas. Quem sabe Matemática ou Computação.

E nós sabemos que Ricardo quer fazer muito pelo seu país, como ele mesmo disse na premiação da Obmep em 2008. Diz o Ricardo: “Hoje é o Brasil que está me ajudando. Mas pode ser que amanhã seja eu que esteja ajudando o Brasil.” E este ano, sou eu que vou dizer Ricardo: Ricardo, você não faz idéia do tanto que já fez pelo Brasil, com sua garra, com seu exemplo de luta e por isso todos nós do governo, os alunos e os pais dizemos a você: Muito obrigado por você existir, meu querido.

Mas tem outras coisas aqui que eu acho importante vocês saberem porque eu sou um ser humano que acredito que a gente só vence na vida, se a gente tiver motivação. Você tem que acordar todo santo dia de manhã à procura de alguma coisa para você superar. Se você se conformar com o que você tem, com o que você sabe, você termina por ser um vencedor menor. E por isso eu queria ler uma outra história aqui. A verdade é que a história da



Obmep é recheada de bons exemplos que eu gostaria de citar. Mesmo que eles não estejam aqui hoje, como é o caso do nosso querido Jocekleyton Ramalho, da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte.

O Jocekleiton veio de uma família muito simples – e muito inteligente também. Estudou a vida inteira em escola pública. Na Obmep, ganhou uma medalha de prata, três de bronze e uma menção honrosa. E aproveitou muito bem a bolsa de iniciação científica. Foi em boa parte graças a ela que o Jocekleiton passou no vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E o melhor de tudo: ele passou, Fernando Haddad, simplesmente em primeiro lugar em medicina. Eram 27 candidatos por vaga e o Jocekleiton foi campeão da disputa para entrar na Universidade para fazer um curso de medicina. Hoje, o Jocekleiton está no meio de outra batalha, contra uma doença degenerativa da córnea, que já lhe tirou 80 por cento da visão do olho direito. Está na fila do transplante, e eu tenho certeza e peço a Deus que vai vencer mais essa.

Da mesma forma que o Caio Coutinho, lá de Ipatinga, Minas Gerais, está vencendo a leucemia. Caio só tem 13 anos, foi internado no início de outubro de 2009. Poucos dias depois, apesar da doença e dos efeitos colaterais da quimioterapia, fez a prova da Obmep no quarto do hospital, tomando medicamentos na veia. Não queria, de jeito nenhum, ficar de fora da sua primeira Olimpíada. Valeu o esforço: Caio ganhou menção honrosa da Obmep. Merece também todas as menções honrosas do mundo. Ele merece também todas as menções honrosas do mundo pela coragem em enfrentar ao mesmo tempo a doença e o tratamento pesado, sem descuidar dos estudos. Portanto, eu acho que o Caio merece uma salva de palmas de todos os medalhistas.

E parabéns também ao Willian Diego Oliveira, medalhista de ouro em 2005, prata em 2006 e outra vez ouro em 2007.

O William morava em uma vila no interior do Paraguai e fez o ensino



médio na Escola Estadual Guimarães Rosa, no município de Sete Quedas, Mato Grosso do Sul. Para ir aos encontros presenciais do Programa de Iniciação Científica tinha que caminhar 20 km a pé.

Graças ao conhecimento adquirido – e estimulado pelos contatos com os professores do Programa de Iniciação Científica –, William juntou o dinheiro da bolsa e foi tentar o vestibular em Dourados. Hoje, está cursando de forma brilhante o terceiro ano do curso de Matemática da Universidade Federal da Grande Dourados, e sonha com um mestrado na Unicamp. Como o nosso companheiro Fernando Haddad conhece bem a Unicamp, ele que trate de cuidar já do mestrado do nosso William.

E ele, é William quem diz: “Se não fosse a Obmep, ao terminar o ensino médio eu iria fazer balaios de bambu para viver, seria um balaieiro, como meu avô.” William tem muito orgulho do avô, seu Pedro Lopes, que sustenta a família com o trabalho de balaieiro, mas sabe que seu destino é outro. Aliás, todos vocês, que estão hoje aqui, sabem que é preciso reescrever o próprio destino. E que, para isso, é preciso acreditar que tudo é possível.

Queria dar um dado para vocês, sobretudo para a imprensa que está aqui, uma coisa importante. Os 3 mil medalhistas de 2009: ouro, prata e bronze, são de 888 municípios, 44 a mais do que o número de municípios do ano passado. Já os alunos com menção honrosa vêm de mais de três mil municípios, mostrando como a Obmep vai se espalhando e conquistando todo o território nacional.

Cinquenta e três universidades, das quais 50 públicas, trabalham junto com o Instituto Nacional de Matemática Pura Aplicada, o Impa, e a Sociedade Brasileira de Matemática, SBM, na realização da Obmep.

Além dos mais de 300 professores, temos que agradecer também aos reitores, que cedem espaço e infraestrutura em suas universidades para o funcionamento da Olimpíada.



É preciso ressaltar o excelente desempenho dos campeões da Obmep na Olimpíada Brasileira de Matemática, que seleciona os representantes do Brasil em competições internacionais. Das seis... como disse aqui, das seis medalhas de ouro do nível 2, cinco foram ganhas por pessoa iguais a vocês que participam da nossa Olimpíada.

É cada vez maior o número de deficientes visuais – esse é um dado extraordinário, Fernando Haddad, e eu queria que vocês pais e a imprensa prestassem atenção. É cada vez maior o número de companheiros portadores, deficientes, de deficiência visual, parciais e totais, que se inscrevem na Obmep. Para 2010, temos 18.141 alunos deficientes visuais inscritos. Ou seja - deficientes visuais totais - 18.141 inscritos para participar das Olimpíadas da Matemática.

A boa notícia é que pela primeira vez esses alunos contarão com material de estudo transcrito para o formato de texto digital falado, graças a projeto desenvolvido pela nossa querida professora Suely Druck, em parceria com a Secretaria de Educação Especial do MEC. Neste ano, a Obmep homenageia também os seis professores que foram premiados em todas as edições da Obmep: Anderson Secco, São Caetano do Sul, São Paulo; Antonio Cardoso do Amaral, Cocal dos Alves, Piauí; Cristiane Antunes Vieira Coelho Maeda, Pilar do Sul, São Paulo; José Luiz dos Santos, Salvador, Bahia; Maria Botelho Alves Pena, Uberlândia, Minas Gerais; Paulo Settervall, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Bem, veja agora que interessante. A próxima Obmep, a que vai terminar as inscrições até 18 de abril, tinha até hoje, na hora que eu entrei aqui neste salão: 19 milhões 488 mil 774 inscritos. Já maior do que a do ano passado. O que é mais importante, Fernando Haddad, esses 19 milhões 488 mil 774 estudam em 44 mil e 234 escolas públicas de 5 mil e 511 municípios brasileiros. É simplesmente, extraordinário.

Eu queria dizer para vocês o seguinte: eu vim aqui e li o meu papelzinho



aqui. Vocês pensavam que ia ser mais curto, foi mais demorado, e eu citei apenas as pessoas que têm algum problema. O Ricardo, que vocês estão vendo nessa cadeira de roda; citei um menino que tem uma deficiência visual, que vai perder o olho se não fizer um transplante; e citei um companheiro que tem leucemia e que fez a prova tomando os remédios na veia. Então citei três casos de pessoas em situações totalmente especiais. Por que eu citei essas pessoas? Porque eu comecei falando do impossível. Eu comecei citando uma frase do Ricardo nas palestras dele, de que não existe a palavra “impossível”. Ela só existe para a gente desmoralizá-la. A única coisa impossível, sabe, a única coisa impossível no mundo é Deus pecar, é a única coisa impossível. O resto, tudo pode ser vencido pelo ser humano, tudo, basta que a gente tenha vontade.

Vamos olhar para o Ricardo nesta cadeira de rodas. Se todos nós que estamos aqui passássemos em uma praça no Rio de Janeiro e tivesse lá 10 mil meninos e meninas como vocês brincando, e a gente tivesse que selecionar 1.900 para ir fazer um teste de Olimpíada de Matemática, certamente a gente deixaria o Ricardo fora. Nós já iríamos de pronto achar que ele não teria condições de ser um medalhista de ouro.

Então o Ricardo tem que ser utilizado pela Olimpíada da Matemática para mostrar, primeiro, que não existe nada que o ser humano quando esteja com vontade não consiga superar. Aliás, vocês todos, vocês todos, deveriam, além da medalha de ouro, receber uma medalha da competência, da voluntariedade neste país. Porque ninguém está obrigando vocês a fazer uma Olimpíada da Matemática. Nós apenas estamos provocando vocês e estamos dizendo: “Fazer Olimpíada da Matemática significa vocês ganharem uma bolsa de iniciação científica, significa vocês terem um pouco mais de oportunidade”. E isso mobilizou 20 milhões de adolescentes neste país, que, de forma livre e espontânea, levantaram a cabeça e resolveram fazer a Olimpíada da Matemática.



Eu acho que não tem no mundo, não tem no mundo nenhuma ação voluntária que conte com 20 milhões de jovens. Tem nenhuma. Então, eu queria, meu caro Camacho, minha cara Suely, meu companheiro Sérgio Rezende e companheiro Fernando Haddad, dizer da minha alegria.

Eu, no dia 31 de dezembro de 2010, deixarei a Presidência da República do Brasil. E eu tenho a exata noção do que nós já fizemos no país, mas tenho ainda mais noção das coisas que nós precisamos fazer. Este país passou muitas décadas, e até séculos, meio atrofiado no que tange às oportunidades a seus filhos. Afinal de contas, nós tivemos gerações e gerações que não tiveram oportunidade de estudar neste país. Gerações e gerações de meninas e meninos que, ao terminar o ensino fundamental não tinham o que fazer. E, muitas vezes, ao fazer o segundo grau, paravam de estudar porque não tinham perspectiva de fazer um curso superior.

Nós, então, resolvemos começar uma revolução neste país. Uma revolução que ainda falta muito para ser concretizada, que ainda falta muito para que a gente realize. Mas, ao terminar o mandato, nós vamos ter 105 extensões universitárias a mais, espalhadas pelo interior do país; nós vamos ter 14 universidades federais novas; e nós vamos ter 214 escolas técnicas a mais do que a gente encontrou. Em um século foi feito 140, em oito anos nós vamos entregar 214.

Por que eu estou dizendo isso? É porque quem vier depois de mim está moralmente obrigado a fazer mais do que eu. Não é possível que, ganhando as eleições deste país, alguém que tenha um diploma universitário vá fazer menos do que alguém que tem um diploma de torneiro mecânico. Então, ele vai ter que fazer mais universidades, vai ter que fazer mais escolas técnicas, ele vai ter que fazer muito mais.

E esse é o legado importante para ficar para este país. Este país que durante o século XX teve oportunidades extraordinárias e que foram jogadas fora. Este país que não quer ser mais exportador de café, não quer ser mais



exportador de soja, não quer ser mais exportador de minério, nós queremos continuar importando [exportando], mas o que vai colocar valor nas nossas exportações é quando a gente começar a extrair os produtos resultados da inteligência de vocês, do menorzinho que está aqui na frente ao Ricardo, do maior que está aqui, porque é essa exportação de conhecimento e de inteligência que vai colocar o Brasil no patamar dos países desenvolvidos. Portanto, eu não poderia ter um dia mais glorioso.

Triste pelos acontecimentos do Rio de Janeiro, que não permitiram que aqui estivessem o nosso governador Sérgio Cabral e o nosso prefeito, e alegre por vocês. Porque quando eu vejo vocês com o orgulho que vocês estão recebendo essa medalha, eu poderia dizer ao Camacho, à Suely, que este país tem mais do que futuro, este país tem um povo extraordinário que, quando provocado, ele sabe reagir. Porque não existe um ser humano super inteligente e um ser humano super não-inteligente. O que existe é ser humano que teve oportunidade e ser humano que não teve oportunidade; o que existe é ser humano que teve um aprendizado correto e o outro que não teve o aprendizado correto. A Suely me dizia no primeiro ano em que eu conheci ela, em 2004, ela me dizia: “Presidente Lula, não é possível um aluno mostrar todo o seu potencial de conhecimento de matemática se ele não tiver dentro da escola os professores que gostem de matemática e que resolvam ensinar o que eles sabem”. Por isso eu queria dar os parabéns aos professores que participam dessa Olimpíada, aqueles que se dedicam. E dizer aos alunos: quando eu deixar a Presidência, no meu discurso de (incompreensível), eu vou dizer: eu entreguei o futuro deste país aos medalhistas de ouro das Olimpíadas de Matemática.

Que Deus abençoe a todos vocês.

Olhe, agora eu queria ver se vocês vão ganhar a medalha de ouro em disciplina, que é o seguinte: do jeito que vocês estão aí, está ótimo. Não precisa se mexer. Eu vou descer, tem um cara baixinho aqui na minha frente,



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

que eu estou olhando para a cara dele, bem baixinho. Eu vou ficar atrás dele, porque eu queria fazer um pôster dessa foto, pegando todos vocês de amarelo. Deveriam ter me dado de presente uma camisa amarela, mas não me deram. Então, eu vou descer aí, mas vocês fiquem... por favor, não se mexam porque eu vou tirar essa foto com vocês.

(\$211A)